



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## Notas genealógicas sobre políticas anais e matriarcado *queer*.

Icaro Ferraz Vidal Junior<sup>1</sup>

Bolsista de Pós-doutorado PNPd/Capes no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná.

### Resumo

O presente artigo aborda duas questões que vêm sendo pensadas na chave de uma crítica ao binarismo heteronormativo de gênero: notadamente os lugares privilegiados do ânus como órgão sexual universal e do matriarcado como alternativa *sexopolítica* ao patriarcado. Lançando mão da tese de Oswald de Andrade, intitulada “A crise da filosofia messiânica”, na qual antropofagia e matriarcado são articulados como pertencendo ao mesmo *hemisfério cultural*, das formulações de Gilles Deleuze e Félix Guattari em torno dos processos de privatização dos órgãos, e da proposição de um matriarcado *queer*, da artista e ativista valenciana María Llopis, procuramos descrever, genealógicamente, tensões interiores às próprias práticas contemporâneas de resistência *queer*.

**Palavras-chave:** matriarcado; antropofagia; *queer*; Oswald de Andrade; María Llopis.

### 1. Antropofagia e matriarcado: especulações anais

Em sua tese de livre-docência, Oswald de Andrade formulou de modo original as relações entre antropofagia e matriarcado. A tese, intitulada “A crise da filosofia messiânica”, publicada em 1950, retoma o tema da antropofagia, já presente no fundamental “Manifesto antropófago”, explorando as operações metafísicas estruturantes dos rituais antropofágicos dos povos ameríndios; rituais que, como sabemos, foram desqualificados pelo homem branco que o atribuiu à gula ou à fome. A operação metafísica já estava descrita, de modo um pouco crítico, no icônico manifesto de 1928: “Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem” (de Andrade, 2011, p. 69). Em “A crise da filosofia messiânica”, Oswald de Andrade desenvolve esta ideia:

<sup>1</sup> Bolsista de pós-doutorado PNPd/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Doutor em “Cultural Studies in Literary Interzones” pela Université de Perpignan Via Domitia e pela Università degli studi di Bergamo e em Comunicação e Cultura pela UFRJ, [vidal.icaro@gmail.com](mailto:vidal.icaro@gmail.com).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite? Enquanto na sua escala axiológica fundamental, o homem do Ocidente elevou as categorias de seu conhecimento até Deus, supremo bem, o primitivo instituiu a sua escala de valores até Deus, supremo mal. Há nisso uma radical oposição de conceitos que dá uma radical oposição de conduta” (de Andrade, 2011, p. 139).

A presença da antropofagia no interior de nosso argumento pode ser pensada em dois níveis. O primeiro deriva da lógica exposta na citação acima, notadamente, deste processo de transformação do tabu em totem. O lugar cultural ocupado pelos tabus nos parece útil também para pensarmos as interdições sociais em operação na conjugalidade monogâmica e genitalizada. Conseqüentemente, a presença e a representação destas interdições em projetos artísticos e ativistas podem ser pensadas em relação com a atitude antropofágica, proposta estético-política de Oswald de Andrade. O segundo nível que justifica a evocação da antropofagia é mais evidente. Trata-se notadamente do fato do ânus pertencer ao sistema digestivo mas, apesar do potente gesto de Oswald de reconhecer na antropofagia os valores metafísicos mais elevados, nos salta aos olhos a ausência de uma reflexão de sua parte sobre o resultado material destes rituais, ou seja, sobre o fato de que há uma parte do inimigo comido, desta alteridade, que resta inabsorvível pelo antropófago, tornando-se excremento.

É importante destacar que as relações entre uma ordem de grandeza macroestrutural e uma micropolítica marcam a perspectiva antropofágica de Oswald de Andrade. Se o matriarcado e o patriarcado são o *efeito-instrumento* de alguns tipos de organização social, com seus sistemas de conjugalidade, seus rituais, seus modelos de criação e de gestão da produção etc., a antropofagia faz parte da história do matriarcado. O gesto do intelectual brasileiro consistiu em adotar a antropofagia como ponto de partida para a investigação da passagem do matriarcado ao patriarcado, a partir do declínio deste ritual. “E tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquele é o mundo do homem primitivo. Este, o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este, uma cultura messiânica” (idem).

A proposição histórica de Oswald de Andrade é dialética. Ele formula esta história em três etapas, pensadas nos termos caros a Hegel: tese (o homem natural), antítese (o homem civilizado) e síntese (o homem natural tecnizado). Nosso mundo, este do patriarcado, seria o segundo momento desta dialética, o que permite ao autor compreender o patriarcado a partir de sua negatividade, ou seja, a partir da negação de um estado primeiro, aquele do homem natural e do matriarcado. Esta ruptura com o mundo do matriarcado teria ocorrido “quando o homem deixou de devorar o homem



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

para fazê-lo seu escravo” (idem, p. 43). O messianismo diagnosticado por Oswald de Andrade como o traço cultural caro ao patriarcado resulta deste novo modo de relação entre os homens. “Sem a ideia de uma vida futura, seria difícil ao homem suportar a sua condição de escravo. Daí a importância do Messianismo na história do Patriarcado”.

No seio de nossa cultura, não faltam exemplos deste fenômeno, astuciosamente percebido por Oswald de Andrade. A moral burguesa moderna da economia doméstica e uma relação com o trabalho que institui a aposentadoria como seu *telos* são fenômenos que não fariam nenhum sentido no interior da cultura antropofágica-matriarcal. Um dos aspectos mais notórios das sociedades matriarcais é a propriedade comum do solo e, conseqüentemente, a ausência de classes sociais. Neste quadro, a acumulação de riqueza por setores da sociedade e a relação alienada com o trabalho não encontram nesta sociedade um terreno fértil para se desenvolverem.

É interessante observar a coerência entre a leitura freudiana do caráter anal, resultante da sublimação da analidade no curso do desenvolvimento das crianças, e que tem como um de seus principais traços a retenção de dinheiro, e o argumento oswaldiano. A sublimação da analidade no processo de genitalização da sexualidade faz parte do processo de ingresso da criança na civilização. Há, neste processo, a instauração de um regime temporal que inscreve o prazer em um tempo futuro. Aqui, é preciso lembrar que, segundo Freud (1928, 1934, 2017), através da defecação, a criança é confrontada pela primeira vez com uma escolha que ela deve fazer entre agradar seus pais, oferecendo-lhes este *presente*, ou reter narcisicamente suas fezes para gozar posteriormente do prazer de excretá-las. A retenção do dinheiro no “caráter anal” parece, em alguma medida, preservar esta lógica, quando o fato de economizar consiste em projetar no futuro a realização deste valor abstrato em prazer.

Dito isto, podemos, à título de especulação, questionar qual seria o papel, social e subjetivo, desempenhado pelo *ânus* em uma sociedade que não é estruturada em torno do messianismo, mas em torno da antropofagia. Infelizmente, Oswald de Andrade não abordou este tema. Este fato limita nossa reflexão. O que podemos extrair como consequência da reflexão oswaldiana para nossa pesquisa sobre a analidade encontra-se, talvez, nos regimes de conjugalidade e nas interdições que podemos deduzir das diferenças entre os sistemas de parentalidade que definem estes dois *hemisférios culturais*.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Em Oswald de Andrade, como em Johann Jakob Bachofen (1992), podemos constatar que a filiação de direito paternal à qual estamos habituados não é universal ou a-histórica. Nas sociedades matriarcais, os pais biológicos das crianças não têm, em função deste dado, o papel social do pai. Onde encontramos a filiação matrilinear, as crianças recebem o nome da mãe, e a função social do pai é desempenhada pelo irmão da mãe. Em função das particularidades biológicas ligadas à reprodução, notadamente do fato que a mãe porta o feto no interior de seu ventre, a autenticidade da maternidade é dificilmente recolocada em questão. À diferença da paternidade que, por não se inscrever de um modo socialmente visível sobre o corpo do homem, não pode ser certificada a não ser pela confiança no pacto monogâmico do casal ou, em nossos dias, pelos exames de DNA.

Os sistemas de parentalidade não são naturais, mas também não são aleatórios. Novamente, a ideia de *efeito-instrumento* cara ao pensamento foucaultiano ajuda-nos a dar conta desta complexidade. Em uma sociedade matriarcal definida pela propriedade comum do solo, pela ausência de classes e, conseqüentemente, de Estado, e onde, como nos mostra Bachofen, a relação com a natureza não é instrumentalizada, todas as crianças são percebidas e criadas como filhos e filhas da comunidade. A instauração do sistema patriarcal de parentalidade condensa transformações que encaminharam o mundo em direção à propriedade privada do solo, à divisão social em classes e ao processo de exploração da natureza para a obtenção de excedente.

Ao pensarmos o patriarcado em sua amplitude, constatamos uma grande coerência entre este sistema de parentalidade e as instituições e sistemas de distribuição dos recursos que lhe são adjacentes. A transferência da propriedade por herança e, a partir disto, a divisão da sociedade em classes, associa-se a uma necessidade, nova, de assegurar a paternidade ao pai biológico. A natureza perde o estatuto de *sujeito* que ela possuía nas sociedades matriarcais para se tornar *objeto*, e o sentimento comunitário, que fornecia a base para a inserção igualitária das crianças no seio da coletividade, declina em favor das diferenças sociais determinadas pelo nascimento.

Se partirmos deste cenário para analisarmos o campo íntimo das relações sexuais, a transformação das práticas sexuais anais em *inimigas* da civilização – esta meta a ser atingida pelas sociedades patriarcais – deve ser pensada como indicadora de uma potência anal disruptiva e, em alguma medida, ameaçadora de todo o presente estado de coisas. Esta ameaça pode ser lida à luz de formulações de Gilles Deleuze e Félix Guattari consignadas em *L'Anti-Édipe*. Os autores evocam uma passagem “alegre e cheia de significado” do antropólogo britânico Meyer Fortes na formulação



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

do *Socius inscripteur*: “O problema não é o da circulação das mulheres... Uma mulher circula por si própria. Não se dispõe dela, mas os direitos jurídicos sobre a progeneritura são fixados em benefício de uma pessoa determinada” (Fortes, 1967, pp. 135-137 apud Deleuze e Guattari, 1972, p. 170, *tradução do autor*). Deleuze e Guattari afirmam, reforçando esta ideia, que os postulados subjacentes a uma sociedade *échangiste* não têm porque serem socialmente aceitos se “a sociedade não é antes de tudo um meio de troca onde o essencial seria circular e fazer circular” (Deleuze e Guattari, 1972, p. 170). No lugar desta concepção de sociedade baseada na noção de troca, que os pensadores franceses mostram ser inoperante no quadro de nossas estruturas sociais, eles formulam o fato de marcar ou de ser marcado como traço definidor de nossa formação social. O *socius* opera a inscrição destas marcas e a circulação não acontece a menos que ela seja inscrita como autorizada ou exigida.

Ao falarem das *máquinas territoriais primitivas*, Deleuze e Guattari chegam a formulações sobre o ânus que são particularmente reveladoras da dimensão ameaçadora cara à região anal.

O procedimento da máquina territorial primitiva, neste sentido, é o investimento coletivo dos órgãos; porque a codificação dos fluxos não se faz senão na medida em que os órgãos capazes respectivamente de produzi-los e de cortá-los encontram-se, eles próprios, identificados, instituídos a título de objetos parciais, distribuídos e pendurados sobre o *socius*. Uma máscara é uma tal instituição de órgãos. As sociedades de iniciação compõem os pedaços de um corpo, ao mesmo tempo órgãos de sentido, peças anatômicas e articulações. Os interditos (não ver, não falar) aplicam-se àqueles que não têm em um tal estado ou em tal ocasião o gozo de um órgão investido coletivamente. As mitologias cantam os órgãos-objetos parciais, e suas relações com um corpo pleno que lhes repele ou lhes atrai: vaginas pregadas sobre o corpo das mulheres, pênis imenso partilhado com os homens, ânus independente que se atribui a um corpo sem ânus. (...) As unidades não estão jamais nas pessoas, no sentido próprio ou “privado”, mas nas séries que determinam as conexões, disjunções e conjunções de órgãos. É por isto que os fantasmas são fantasmas de grupo. É o investimento coletivo dos órgãos que conecta o desejo sobre o *socius*, e reúne em um todo sobre a terra a produção social e a produção desejanse (idem, p. 170-171, *tradução do autor*).

O ânus desempenha um papel pioneiro nos processos de privatização dos órgãos, caros a nossas sociedades modernas, nas quais o *investimento coletivo dos órgãos* já não acontece. Este fenômeno, apesar da crítica da psicanálise freudiana empreendida pelo duo de autores, lhes permite afirmar as relações entre o caráter anal e a economia como sendo relativamente verdadeiras. “O primeiro órgão a ser privatizado, colocado fora do campo social, foi o ânus. É ele que fornece seu modelo à privatização, ao mesmo tempo que o dinheiro exprimia o novo estado de abstração dos fluxos” (idem, p. 171). Dito isto, podemos argumentar, no que concerne os objetivos deste artigo, que os projetos artísticos e ativistas que exploram a *analidade*, restituindo o *cu* ao espaço público



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

colocam em questão este regime de privatização dos órgãos de onde aprendemos a noção mesma de propriedade privada.

Assim, a ameaça representada por tais projetos não pode ser pensada exclusivamente em termos morais ou simbólicos. Trata-se de um gesto bem mais radical que desafia as fundações sobre as quais nossa sociedade capitalista moderna construiu-se. A partir disto, o olhar que não vê senão um gesto iconoclasta na inserção do ânus no campo de visibilidade social da arte perde de vista o fato que, enquanto experiência vivida coletivamente, a arte torna-se o domínio do mundo contemporâneo onde, talvez, um novo *investimento coletivo dos órgãos* torna-se possível.

Antes de avançar evocando os autores e os artistas contemporâneos nos quais observamos a potência do gesto descrito acima, precisamos fechar este circuito que estabelecemos ao colocarmos a antropofagia de Oswald de Andrade em relação com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Há, sem dúvida, outros textos que poderiam ter sido citados aqui. Podemos pensar, por exemplo, na segunda dissertação da “Genealogia da moral”, de Friedrich Nietzsche (1998, pp. 47-50), onde o estômago ganha o *status* do *mais espiritual dos órgãos* e que é uma referencia importante tanto para a tese oswaldiana quanto para *L’Anti-Edipe*. Ao mesmo tempo, em Nietzsche, a anialidade é, como em Oswald de Andrade, somente implícita pela evocação da digestão. O esquecimento, pensado a partir de suas relações dinâmicas com a memória, condensadas nesta imagem da digestão (que não é apenas uma imagem), seria o resultado do trabalho de *assimilação psíquica*. Resta-nos como especulação, a partir do texto nietzschiano ou dos demais textos evocados até aqui, nos quais encontramos a inscrição histórica da criação da civilização associada ao desenvolvimento da memória, pensar que isto que não absorvemos como memória é o excremento de uma vida pensada, seguindo Oswald de Andrade, como pura devoração.

Precisamos ainda retomar as etapas do processo dialético a propósito do qual Oswald de Andrade escreveu. A passagem da tese à antítese, do estágio matriarcal da história humana (o homem natural, a antropofagia) à instituição do patriarcado (o homem civilizado, o messianismo), hemisfério cultural no qual nos encontramos hoje, já foi resumidamente descrita nas linhas acima. Resta-nos explorar a síntese deste processo dialético, que consiste em um exercício especulativo de futurologia por parte de Oswald de Andrade. Este exercício testemunha uma aposta do escritor sobre a potência emancipadora da técnica, fundamental na constituição do homem do futuro, *o homem natural tecnizado*.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

No mundo supertecnizado que se anuncia, quando caírem as barreiras finais do Patriarcado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim de seu longo estado de negatividade, na síntese enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico. Sobre o Faber, o Viator e o Sapiens, prevalecerá então o Homo Ludens. À espera serena da devoração do planeta pelo imperativo de seu destino cósmico (de Andrade, 2011, p. 145-146).

Sem desejar invalidar a síntese prevista por Oswald de Andrade, parece-nos que ainda estamos longe de alcançá-la. Se é verdade que, logicamente, o desenvolvimento técnico deveria liberar-nos da escravidão, não é isso que constatamos desde um ponto de vista político. Enquanto o desenvolvimento técnico se produzir no interior de uma sociedade baseada na propriedade privada e na divisão em classes sociais, será difícil ver a escravidão o homem, das máquinas e da natureza ser ultrapassada para dar lugar a esta última etapa do desenvolvimento dialético da humanidade.

Agora que a tessitura desta rede onde se articulam matriarcado e patriarcado, antropofagia e messianismo, órgãos investidos coletivamente e órgãos privatizados, está bem assimilada, podemos avançar em nosso percurso teórico chegando à nossa época e à análise da proposição da artista e ativista María Llopis de um matriarcado *queer*. Uma tal investigação terá por objetivo verificar se o iconoclasmo, frequentemente evocado pela crítica para falar deste tipo de ação, não poderia ser repensado, em uma chave mais afirmativa, como gesto análogo ao do antropófago: a totemização do tabu, *icunoclasmo*.

## 2. Matriarcado *queer*

Abordaremos a produção cultural de nossa época a partir um texto da “escritora, artista, ativista, feminista e mãe” María Llopis. Neste texto de 2013, intitulado “Guide for a DIY Queer Matriarchy”, a artista valenciana retoma sucintamente e se opõe a certa tradição da teoria antropológica a propósito das sociedades matriarcais, a fim de oferecer a seus leitores um *guia* para escapar da heteronormatividade que estrutura as sociedades patriarcais. Llopis tenta produzir este movimento sem cair na armadilha de uma perspectiva excessivamente romântica em relação a esta outra lógica de organização social, cuja existência, embora contestada, é, segundo autora, ainda verificável.

A antropologia moderna nega a existência de sociedades matriarcais, porque eles buscam uma sociedade na qual o controle do poder é invertido e, assim, os homens são oprimidos pelas mulheres. Mas isto não é o matriarcado. A teoria *queer* e o feminismo pós-pornô vão sem nenhuma dúvida nos ajudar a compreender (Llopis, 2016, p. 138, *nossa tradução*).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A artista reconhece que seu interesse por este outro modelo de organização social encontra em parte sua origem em uma “nostalgia feminista” que a induzia a pensar no matriarcado como fazendo parte de um passado longínquo. Ela sublinha uma certa perspectiva proveniente do senso comum, que nos teria impedido de reconhecer sociedade matriarcais até nossos dias. Trata-se, notadamente, desta concepção do matriarcado como a simples mudança de um poder centralizado pelo homem na direção de uma simples tomada desta mesma posição pelas mulheres, dito de outro modo, uma inversão que preserva a lógica dividida em classes do patriarcado, posição que as leituras de Oswald de Andrade e de Bachofen ajudam-nos a descartar.

É a partir do povo Mosuo, uma comunidade de cerca de 50.000 pessoas, vivendo no sudeste da China, que a artista propõe seu guia para um *matriarcado queer*, proposição que recusa uma perspectiva linear da história segundo a qual o matriarcado já faria parte de um passado longínquo e impotente. O gesto de Llopis consiste na apresentação de alguns aspectos do povo Mosuo para que nós possamos criar tensões no interior do sistema patriarcal, a partir de uma tomada de consciência de seu caráter social, político, cultural e econômico, ou seja, à partir de uma tomada de consciência do fato de que não há nada de natural neste estado de coisas e que, mesmo no contemporâneo, há outras maneiras de viver, certamente minoritárias, mas indicativas de outras rotas para o futuro.

Como o próprio título do texto de Llopis indica, a obra pretende-se um manual, donde sua estrutura numerada. Um breve percurso por alguns elementos da cultura Mosuo, selecionados para integrar este manual, aprofundam nosso conhecimento do matriarcado e sugerem que este *hemisfério cultural*, para retomar a expressão oswaldiana, tornou-se uma referencia importante no repertório do movimento *queer* contemporâneo.

O primeiro elemento colocado em evidência por Llopis é o fato de que, entre os Mosuo, a “unidade familiar é construída em torno das mães”, dito de outro modo, é na casa familiar que coabitam as crianças, seus primos, tias e avós, dirigidos por uma matriarca. As crianças são criadas coletivamente e a vida familiar é dissociada da vida sexual, pois não há casamento entre os Mosuo. Em seguida, é o *quarto das flores* que chama a atenção da escritora. Trata-se de um dispositivo arquitetural que revela um alto nível de liberdade das jovens mulheres na apropriação de suas primeiras experimentações sexuais.

Quando as meninas Mosuo têm entre 13 e 14 anos, elas têm acesso a um quarto próprio. Este quarto tem duas portas, uma dá acesso ao interior da casa comum e a segunda dá acesso ao exterior. As meninas têm total autonomia para decidir quem entra no quarto. A única regra é



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que seus convidados devem partir antes da aurora. E elas devem também ser discretas sobre seus visitantes. Elas podem receber diferentes parceiros a cada noite ou, ao contrário, elas podem dividir a cama com a mesma pessoa todas as noites. Elas não devem se envolver em uma relação e os filhos que elas talvez concebiam serão criados na casa comum, com a ajuda de suas mães, irmãos, irmãs e de toda a comunidade (idem, p. 139, *nossa tradução*).

Esta liberdade discreta resultante deste dispositivo arquitetural inspira a artista a especular sobre a possibilidade de um *quarto das flores queer*, onde seria possível receber homens, mulheres, e quaisquer seres que se encontrassem entre os dois gêneros ou para além deles. Assumindo a separação entre a unidade familiar e a vida sexual, a paternidade múltipla transforma-se em outro aspecto notável dos Mosuo. O papel social do pai não é associado à paternidade biológica, de modo que a palavra “Awu” significa, ao mesmo tempo, pai e tio.

O tipo de organização social patrilinear na qual vivemos tem, segundo Llopis, uma história bem recente. Se acordo com seu manual, ele começou a tomar forma cerca de 8000 anos antes da nossa era e, considerando que os seres humanos são dotados da anatomia que conhecemos desde, pelo menos, 200.000 anos, a artista conclui que o patriarcado e suas criações *jurídico-sexuais*, tais como a herança da propriedade privada e a monogamia, não correspondem senão a 5% do tempo de nossa experiência coletiva enquanto espécie. Parece evidente que a invenção herança e da monogamia estejam intimamente ligadas. Como já demonstramos, é a necessidade de assegurar a legitimidade da filiação patrilinear que criou toda uma cultura de controle sobre a sexualidade das mulheres e é, sem dúvida, contra isto que María Llopis mobilizou sua escritura.

Podemos ir ainda mais longe e dizer que os dispositivos de controle sobre a sexualidade caros ao patriarcado foram criados e colocados em operação contra toda possibilidade sexual ameaçadora da concentração de capital por determinadas famílias - a sexualidade das mulheres, sem dúvida, mas também a dos homossexuais, que deviam dar conta da produção biológica de herdeiros. Este cenário, sem dúvida, complexifica-se ao longo da história, mas o que precisamos reter do caminho percorrido até aqui é o fato de que o matriarcado oferece um contraponto – real ou ficcional, pouco importa – ao patriarcado, e que este *topos* cultural atualiza-se na produção artístico-cultural contemporânea, como testemunha o manual de Llopis.

Um último aspecto que nos interessa tomar emprestado do texto de Llopis é aquele que articula a discrição criada pelo dispositivo do *quarto das flores* mas também por um espaço de interdição à evocação de histórias românticas no seio da casa. Esta discrição funciona como antídoto do ciúme, que é considerado pelos Mosuo como uma violenta intrusão da autonomia de uma outra



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

pessoa. Esta questão da discrição interessa-nos pois a maior parte dos projetos e ações artísticas nos quais o ânus é convocado ou representado não é, sob nenhuma hipótese, discreta. Este desnível entre a discrição dos Mosuo e a de artistas e ativistas *queer* inscreve-nos diante de escolhas, estéticas e políticas, difíceis de serem feitas. Vejamos o testemunho de Llopis acerca deste desafio:

Nos meus numerosos anos de feminismo pró-sexo e de luta *queer*, eu sempre me exprimi. No nosso mundo patriarcal, nós temos a necessidade de evidenciar nossos desejos não-normativos. Foi difícil pra mim pensar em uma sociedade onde você fode livremente porque você é discreto. Em um matriarcado *queer* nós não teríamos necessidade de nos exprimir, nós só teríamos necessidade de foder. (idem, p. 141)

A possibilidade de uma vida sexual livre e discreta entre os Mosuo nos faz refletir, com Llopis, acerca da potencia e da eficácia política das ações estridentes realizadas por artistas e ativistas *queer*. Isto nos reconduz ainda ao pensamento de Michel Foucault que, no primeiro volume de sua “História da sexualidade”, “A vontade de saber”, apresenta a criação do dispositivo da sexualidade a partir de um gesto oposto a esta admirável discrição dos Mosuo. Historicamente, nos diz Foucault, há dois procedimentos para produzir a verdade do sexo. O primeiro consiste em uma *ars erótica* que esteve presente em várias sociedades e cujo estatuto foi bem resumido pelo filósofo francês a fim de evidenciar seu declínio em favor do dispositivo do qual nossa civilização dispõe, uma *scientia sexualis*.

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, tomado como prática e recolhido como experiência; não é em relação a uma lei absoluta do permitido e do defendido, não é por referência a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração; mas, primeiramente e antes de tudo em relação a si próprio, ele está lá para ser conhecido como prazer, portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. (Foucault, 1976, p. 77)

Foucault desenvolve sua descrição indicando que a arte erótica investia no interior das práticas sexuais e deveria permanecer secreta, mas isto não se devia a um certo moralismo ou a um pudor, mas porque, segundo a tradição, a divulgação da eficácia e das virtudes da arte erótica produziria seu enfraquecimento. Os efeitos de tais práticas testemunham sua ausência em nossa sociedade: “controle absoluto do corpo, gozo único, esquecimento do tempo e dos limites, elixir da longa vida, exílio da morte e de suas ameaças” (idem). A discrição bem percebida por Llopis no povo Mosuo parece indicar que eles encontram-se mais próximos de uma *ars erotica* que de nossa *scientia sexualis*. Desde a idade média, diz Foucault, as sociedades ocidentais desenvolveram uma forma de



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

saber-poder para dizer a verdade do sexo que é oposta àquela agenciada através das iniciações e dos segredos da *ars erotica*. Esta nova forma cristalizou-se na prática da confissão.

Tal prática projeta o sexo para fora das relações entre os corpos e o inscreve em uma temporalidade que não é mais aquela imanente à experiência erótica vivida por um *self* que se constitui através desta experiência. Esta incitação a buscar na experiência passada do sexo elementos dignos de observação em relação a uma norma e a enunciar tais elementos instaura uma relação completamente nova com o sexo. E evidentemente, a promessa da salvação através de uma confissão sincera inscreve-se no seio do messianismo postulado por Oswald de Andrade. Aqui, precisamos refletir acerca dos desafios estético-políticos desencadeados pela arte que hoje chamamos *queer*, pois frequentemente não é a partir de um discurso confessional, mas de um grito de revolta, que tais projetos operam.

Parece que podemos pensar as críticas à heteronormatividade, filha do patriarcado, como a afirmação de seu avesso, ou seja, do matriarcado, da antropofagia, do *investimento coletivo sobre os órgãos*, de uma *ars erotica*. Mas tal afirmação encontra-se limitada porque se efetua no seio do patriarcado e precisa, portanto, desenvolver ferramentas que sejam eficazes nesta nossa realidade, do patriarcado, do messianismo, dos órgãos privatizados e da *scientia sexualis*. É difícil, do ponto de vista *sexopolítico*, rejeitar a potência dissidente destas ações. Elas testemunham a força do patriarcado e do longo caminho de luta que nos resta a percorrer antes de chegar a um modo de vida onde o sexo seja novamente vivido como *ars erótica*.

## Referências

BACHOFEN, J. J.. **Myth, Religion, and Mother Right: Selected Writings of J. J. Bachofen**. New York: Princeton University Press, 1992.

DE ANDRADE, Oswald. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011.

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. **L'Anti-Œdipe : Capitalisme et Schizophrénie I**. Paris : Les Éditions de Minuit, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité I : La volonté de savoir**. Paris : Gallimard, 1976.

FREUD, Sigmund. « Caractère et érotisme anal ». [http://psycha.ru/fr/freud/1908/ero\\_anal.html](http://psycha.ru/fr/freud/1908/ero_anal.html), dernier accès : 9 décembre 2017.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

FREUD, Sigmund. « Malaise dans la Civilisation ». **Révue Française de Psychanalyse**, 1934.

FREUD, Sigmund. « Sur les transformations des pulsions particulièrement dans l'érotisme anal ». **Révue Française de Psychanalyse**, 1928.

LLOPIS, María. « Guide for a DIY Queer Matriarchy » In : GETSY, David J. (Éd.). **Queer**. Londres : Whitechapel Gallery, The MIT Press, 2016 : 138-142.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral : Uma polêmica**. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.